



Pe. Caetano Lino Lamonta



SALESIANOS

LICEU SALESIANO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

Cabe a mim dirigir-me a todos para apresentar algumas considerações sobre a vida do Padre Caetano Lino Lamonta, hoje já na Glória de Deus.

SUA FAMÍLIA

Caetano Lino Lamontano nasceu no dia 23 de setembro de 1918 na cidade de Monte Alto, São Paulo, diocese de Jaboticabal, filho de Jordão Lamontano e Ema Montroni, tendo mais dois irmãos, já falecidos e uma irmã religiosa da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário: Irmã Conceição.

Vivendo no seio de uma família ardente cristã, alimentava dentro de si, desde criança, o desejo de ser sacerdote. Quando jovem, pertenceu à Congregação Mariana, em Catanduva, cujo presidente era grande admirador de Dom Bosco e que sabendo do seu desejo o encaminhou para o Seminário de Lavrinhas.

SACERDOTE SALESIANO

Após muitos esforços para superar algumas dificuldades e lacunas nos estudos, geradas também pela idade, entrou para o noviciado São Vicente, em Campo Grande, em 30 de janeiro de 1945 e em 31 de janeiro de 1946, festa de São João Bosco, faria a sua primeira profissão religiosa, em Campo Grande. Efetuou em seguida os seus estudos de filosofia em Lorena e fez a profissão perpétua em Tupã no ano de 1952. De 1953 a 1955, realizou os estudos teológicos no Instituto Pio XI, no Alto da Lapa, São Paulo e, assim, no dia 8 de dezembro de 1955, festa da Imaculada Conceição, no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, no bairro do Bom Retiro, São Paulo, com mais trinta diáconos de sua turma, recebeu pelas mãos de Sua Excelência Reverendíssima Dom Orlando Chaves, a Ordenação Sacerdotal, cujo lema foi “E me sereis testemunhas” (AT. 1,8). Após a ordenação, trabalhou durante um ano na cidade de Cuiabá, no Mato Grosso, de onde foi transferido para

Lorena, ficando em definitivo na Inspetoria de São Paulo. A maior parte de seu trabalho apostólico foi desenvolvida com zelo incansável em paróquias salesianas na função de pároco e vigário paroquial, assim foi em Santa Teresinha por duas vezes, no Alto da Lapa, Cruzeiro e Campinas, por duas vezes, tendo trabalhado também no Seminário Salesiano, em Lavrinhas.

Em todas as circunstâncias e locais por onde passou, como testemunha sua irmã Conceição, sempre se preocupou em conquistar com a sua simplicidade, a amizade e o carinho de todos, dando atenção especial às pessoas simples, e pobres, através de incansável apoio aos Vicentinos.

DOENÇA E MORTE

Nos últimos anos eram constantes as suas internações em hospitais para recuperar problemas gerais de saúde ligados a aspectos cardio-respiratórios e diabéticos, entre outros.

No mês de junho de 2004 teve uma recaída de saúde, inicialmente mais parecendo uma forte gripe, mas já eram os sintomas de que suas forças físicas estavam se exaurindo.

No dia 13 de junho, festa de Santo Antônio, o diretor, antes de sair para as missas do domingo, foi visitá-lo no quarto e o encontrou com febre elevada; solicitou a presença da enfermeira Clarice que o medicou, segundo orientação médica, e acompanhou-o ao banho, sendo que no retorno ao quarto foi acometido por infarto agudo do miocárdio, resultando em parada cardio-respiratória. No dia 14 de junho, após a missa de corpo presente celebrada na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, presidida por Dom Gilberto Pereira Lopes, bispo emérito de Campinas e concelebrada pelo Inspetor, Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti, sacerdotes salesianos e da diocese, bem como a presença de inúmeros salesianos, paroquianos, familiares, representantes da escola e admiradores foi transportado e sepultado no jazigo dos salesianos no Cemitério da Saudade, nesta cidade de Campinas, onde repousa na paz própria de quem foi fiel à missão a que foi chamado.

O Pe. Caetano se destacou pela generosidade em todas as dimensões: como sacerdote, amigo, irmão, confidente, conselheiro, animador, sempre disponível a todos e a tudo, com espírito fraternal, humilde, sábio. Hoje colhe os frutos que plantou na terra, ao lado do Pai, na vida eterna.

Testemunhos

Alguns testemunhos de pessoas que conviveram com o Pe. Caetano são muito significativos para retratar seu perfil de Apóstolo de Cristo e fidelidade à opção sacerdotal:

Lembranças e saudades do Pe. Caetano são muitas, pois cuidamos dele por muitos anos e aprendemos com ele mais ainda. Lembro-me de alguns fatos pitorescos:

Pe. Caetano internado na Casa de Saúde e na UTI havia um paciente terminal querendo confessar-se. O enfermeiro vem pedir ao Pe. Caetano se ele pode ir até lá. Pe. Caetano, com sua característica piedade, vai de maca, com soro, até a UTI atendê-lo. Voltou alegre e feliz com o dever cumprido.

Pe. Caetano, outra vez internado na Casa de Saúde, apesar da dieta hiposódica e todos os cuidados necessários para seu restabelecimento, quando cheguei ao quarto ele me diz: "o marmitex da cantina custa R\$ 4,90 e é muito gostoso, melhor que a comida do hospital". Fazer o que com este padre que tinha um excelente paladar?!

Saudades e admiração.

Elza Cézar Votta Salmoiraghi - enfermeira

Sempre fui católica, mas católica turista, que só ia à missa de vez em quando. Minha filha começou a fazer catequese e Pe. Caetano cobrava a presença dos pais nas reuniões e também na missa. Nunca mais deixei de ir à igreja e à missa.

Para mim, Pe. Caetano foi o Pastor que me trouxe à igreja, sempre atencioso e apesar de sua frágil saúde, estava sempre disposto a atender a todos. Que saudades!

Elisabeth Rafacho Fernandes

Comecei a freqüentar a igreja em 2001, quando conheci o Pe. Caetano. Ele era muito divertido, gostava de brincar, mas quando era preciso, também brigava. Com ele que fiz minha primeira confissão e a 1^a Comunhão. Sei que de onde está, ele olha por mim, me ajuda e acompanha meus passos com muito amor e carinho.

Jamile Conceição dos Santos

Faz oito anos que conheci um homem chamado Pe. Caetano. Humilde, simples, sem ostentação, porém enérgico, quando preciso, e justo ao tratar qualquer assunto da nossa comunidade ou qualquer membro da mesma. De bondade extrema, pronto para ajudar os necessitados, sempre cordial, alegre, tinha um carinho especial por todos.

Escrevo estas linhas com lágrimas nos olhos e muita saudade no coração, Pe. Caetano nosso paizão.

Gumercindo Galani

Pe. Caetano conviveu conosco na Comunidade N. Sra. Aparecida durante oito anos, era considerado por todos como o Pai carinhoso, protetor, mas exigente, zelava por suas ovelhas. Interessava-se por tudo que dizia respeito à comunidade e aos fiéis. Nunca deixava de dar uma palavra de consolo, carinho e, se necessário, também a repreensão, mas com amor. Tinha uma especial atenção para com os pobres e enfermos, nunca deixando de atender uma solicitação de visita ou administrar o sacramento da 'unção dos enfermos'. Com bondade e energia procurava a solução de todos os problemas da comunidade e dos seus fiéis. Chegava sempre alegre, cumprimentando a todos e, em especial, as crianças, que eram suas grandes amigas. Quanto aos paroquianos, ele conhecia a todos e sentia sua falta, quando não estavam presentes na liturgia ou aos encontros festivos da comunidade. Sentia-se feliz no nosso convívio e permanecia o tempo todo conversando, contando piadinhas, estórias sem fim, e percebíamos nele o carinho por todos nós. Com dificuldade para andar, se apoiando na bengala ou em alguém, sempre celebrou a missa. O esforço era grande, mas nunca nos deixou sem a Eucaristia. Perdemos o pai, o irmão, o amigo, o guia espiritual, o pastor do rebanho, e por momentos, ficamos aflitos.

— O que será de nós?

Caímos na saudade e na tristeza, mas como ele mesmo nos ensinou e deu exemplo, levantamo-nos e firmes "esperamos no Senhor, ele nos proverá".

Maria Aparecida Galani

Lembramo-nos de pessoas importantes e marcantes em nossa vida. Pe. Caetano foi um exemplo de doação e entrega e sempre nos inspirou confiança, coragem e fé. Mostrava que nosso trabalho não era só uma gota no oceano, mas algo realmente importante.

Fabiana da Cruz Pires

Quando me lembro do Pe. Caetano, é predominante, em mim, a sensação de alegria, porque ele era feliz. Contava a sua trajetória de vida e ria de certas coisas que já havia feito e chorava sempre que falava de sua mãe. Referia-se aos seus parentes com muito carinho, em especial, a irmã Conceição.

Ele gostava muito de me contar o que tinha visto no programa do Ratinho (ele se divertia muito e dava boas gargalhadas foi um homem de riso fácil).

Sempre quis saber de todos os da minha família, e com detalhes, assim fazia também com todos que com ele conviviam, e tinha com isso o intuito de aconselhar (e como os seus conselhos eram bons, porque vinham de sua própria pureza!).

Foi um homem simples e caridoso e, na convivência com ele aprendi muitas coisas, em especial, o poder da humildade.

Pe. Caetano faleceu ao meu lado e estava muito tranqüilo, como se já soubesse que era sua hora.

Que as lembranças deixadas pelo Pe. Caetano permaneçam na minha mente e no meu coração sempre.

Clarice Alves Preto Figueiredo - enfermeira

Pe. Caetano era pessoa de bom sentimento, querendo sempre ajudar as pessoas, com preocupações como, por exemplo, a saúde da família, condição sócio-económica, etc... sempre no sentido de ajudar e orar, chegando a emocionar-se quando sabia de alguma notícia ou atitude desagradável.

Dr. Jorge Raul Costa Gottschall - médico

O Pe. Caetano deixou-nos lembranças edificantes como o seu bom-humor, sua alegria, o ambiente descontraído, as anedotas e outras história antigas, relacionadas com fatos atuais. Nunca o ouvi queixar-se de outras pessoas, nem reclamar desconsoladamente de sua doença.

Pe. Caetano era diabético, cardiopata e, mais no fim da vida, os rins tinham certo grau de insuficiência. Sempre sentia dores lombares, nos joelhos e apresentava inchaço, especialmente nos membros inferiores. Era, também, hipertenso.

O seu bom-humor manifestava-se, inclusive, nos períodos de agudização de sua doença e de internação hospitalar.

Era doce e ingênuo naquilo que as pessoas lhe falavam a respeito de tratamento e medicamentos de sintomas semelhantes aos que ele tinha.

Lembro-me mais do Pe. Caetano dos últimos anos, andando com dificuldade, ofegante, com a bengala que tinha sido usada pelo Pe. Vasconcelos.

E na sua atividade na paróquia, muitas vezes sentava-se na mureta da floreira, na frente da igreja, cumprimentando as pessoas que entravam e saiam, ou conversando mais demoradamente com um ou outro. Depois, andando lentamente, com dificuldade, ia para o confessionário.

E quando ele rezava a missa, no final dela, puxava ele próprio o canto de N. Sra. Aparecida (Dai-nos a bênção....). Acho que ele é sempre lembrado quando se canta esta música.

Falava das atividades da Pastoral da Saúde, e das vezes em que ia aos hospitais e às residências confessar os doentes. Era assinante do Boletim ICAPS Instituto Camiliano de Pastoral da Saúde. Rezava a missa para os doentes na última sexta-feira do mês, às 15h.

Dr. Mário Bonfitti - médico

Escrever sobre o Pe. Caetano, enche a alma, faz a gente feliz, enriquece, abençoa...

Os poucos anos que convivi com ele, pude sentir o carinho fraterno e verdadeiro de um sacerdote.

Foi uma criatura linda, um referencial de bondade, disponibilidade e sinceridade. Foi atento e inteligente o bastante para dar o primeiro passo a tantos movimentos dentro da paróquia como o Apostolado da Oração, Grupo de Oração, Vicentinos, dentre outros.

Quanto a nós, individualmente sabia quando precisávamos de sua ajuda e não nos deixava esperar; tinha soluções rápidas e adequadas para cada tipo de problema.

Comigo, pessoalmente, chorou ao sentir que em algumas situações da minha vida, só Deus poderia me ajudar.

Suas bênçãos eram de um valor inestimável! Um dia ele me disse:

— Filha, vou te dar a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora e também de São José, pois sinto muita urgência nos teus pedidos.

Ele gostava das coisas simples, se alegrava com pequenos 'mimos' que a comunidade lhe oferecia.

Lembro-me o quanto ele se interessava pelo ser humano, sofrido, doente, pobre. O abandono aos necessitados o fazia sofrer...

Por ser uma pessoa autêntica, nós nos sentíamos muito à vontade com ele. Quando não apreciava alguma coisa não rodeava, falava o que sentia.

Outra qualidade sua era a preocupação com o futuro de nossos filhos: se a profissão que eles haviam escolhido tinha um bom mercado de trabalho, e se preocupava com a vida espiritual de cada um deles.

Ele não se intimidava em pedir que orássemos por ele, principalmente pela sua saúde.

Eu gostava muito de conversar com ele, ríamos muito! O que o fazia uma criatura especial era o seu senso de humor.

Vinte e quatro horas antes dele voltar para a casa do Pai, fui visitá-lo e perguntei se podia rezar por ele.

— Reze, por favor!

Pedi a Deus que deixasse sua Glória brilhar naquele seu filho tão amado, disse que o amava muito e ele me chamou de exagerada. Fomos embora, Paulina, M. Helena e eu, e no dia seguinte ele se foi.

Pe. Caetano me ensinou a ser humilde, foi um presente de Deus na minha vida. Aprendi com ele que na simplicidade se encontra a verdadeira nobreza.

Sheila Marion Z. Peitl

No segundo semestre do ano de 1975, mudamos do bairro Cambuí para o bairro pertencente à Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora.

Iniciamos a prática de reunirmo-nos com os vizinhos, como fazíamos no Cambuí, para meditarmos a Novena de Natal.

Terminada a Novena continuamos a nos reunir nas casas, para a recitação do Santo Terço.

Pe. Caetano, o novo pároco, incentivou-nos a continuarmos tal trabalho, dava-nos toda a assistência necessária, e uma vez por mês, celebrava a Santa Missa, cada vez, em uma das casas, unindo muito os vizinhos, aquecidos na prática da religião e querendo cada vez mais...

Então, Pe. Caetano nos convidou para participarmos de um 'movimento do Espírito Santo', denominado "Experiência de Oração", encontro muito bom, marcante. A cada

novo encontro, mandávamos outros participantes do grupo do terço. Assim, muitos o fizeram e, com o fogo do Espírito Santo, o grupo semanal foi crescendo, tornando-se um Grupo de Oração da RCC (Renovação Carismática Católica), transferido para dependências da paróquia e também do colégio. Por se tratar de uma novidade que crescia a olhos vistos, muitos padres da comunidade como da própria diocese não viam esse fenômeno com bons olhos. Apesar de inicial oposição, Pe. Caetano conseguiu a aprovação do Revmo. Sr. Arcebispo, Dom Gilberto Pereira Lopes e, assim, a RCC cresceu em toda a Arquidiocese.

Era comum falar-se que "... o Liceu foi a sementeira da RCC e, que essas sementes fizeram nascer muitos Grupos de Oração" ...

Muitas pessoas foram despertas para uma maior vivência cristã; queriam ser úteis à paróquia e orientados pelo Pe. Caetano, muitos se engajaram nas mais diversas pastorais.

O Pe. Caetano, na sua simplicidade foi muito útil e disponível a toda a comunidade paroquial. Interessava-se por todos os membros das famílias; conhecia o problema de cada um procurando ajudar nas soluções. Ficava no pátio da igreja, conversando com pessoas que, cativadas, passavam a freqüentar a paróquia. O mesmo acontecia nas feiras e nas ruas por onde ele andava. Tanto que, terminado o seu tempo como pároco, muitas vezes era procurado (estivesse onde estivesse) para suas sábias orientações. Para ministrar os sacramentos era incansável. Decorridos alguns bons anos, tivemos a alegria de tê-lo de volta, não como pároco, mas como vigário paroquial. Apesar de adoentado e com algumas limitações físicas, estava sempre disponível, atendendo aos doentes, visitando as famílias, confessando, ministrando a Unção dos Enfermos, etc.

Martha Elza e Walter Regina

Um homem que aprendemos a admirar e amar, pois tinha sempre uma palavra amiga quando procurado, o conselheiro espiritual da nossa comunidade que vai ficar para sempre em nossa memória.

Vigário que nos fazia permanecer juntos em nossa caminhada, com suas palavras simples, mas objetivas, deixou saudades, mas acima de tudo, uma lição de vida com sua perseverança.

Carlos Alberto de Oliveira

Falar sobre uma pessoa tão boa e humilde é difícil. Para nós ele foi um exemplo de pessoa, um ídolo, porque não.

Sei que de onde ele estiver, está olhando para nós e nos guiando para o caminho certo.

Vários são os momentos especiais de sua presença em minha vida: 1ª Comunhão, 1ª missa como seu coroinha, muitos almoços comunitários.

Guilherme Batemarco de Oliveira

Depois de um dia de trabalho e muito cansada, se não tinha coragem para ir à missa, lembrava que o Pe. Caetano vinha celebrar para nós mesmo com a idade avançada e com os problemas de saúde.

Às vezes ele tinha dificuldade para chegar até o altar, mas sempre conseguia.

Eu o admirava muito e quando sinto-me desanimada, lembro-me dele.

Laura Moreira

Pe. Caetano foi muito especial, conversava com os jovens, tinha atenção para com todos, preocupava-se com os acontecimentos da nossa comunidade, e queria ser informado de todos os detalhes.

Na nossa comunidade aconteceram muitas coisas boas, graças a ele.

Deixou saudades...

Lourdes Moreira

Uma pessoa carinhosa, amorosa, disciplinada e que conquistou, com seu jeito simples e correto de ser, todos que tiveram a grande oportunidade de conhecê-lo.

Mais que um padre, que tem o dever de levar a palavra aos cristãos, Pe. Caetano foi amigo e conselheiro da comunidade.

Entendia as razões e preocupações dos adultos, assim como a liberdade dos adolescentes e a inocência das crianças.

Particularmente, esse amigo era o único que me comprehendia e fez com que me encontrasse em meio a tantas interrogações.

Enfim, qualquer um que parasse alguns instantes para com ele conversar, podia ver claramente em seu olhar: "em prol do Altíssimo!"

Bruna Rafacho

Paroquiana há uns 50 anos, desde a juventude, tendo participado da vida paroquial nas gestões de outros queridos párocos, sinto-me à vontade para afirmar e resumir numa frase o meu testemunho: o Pe. Caetano foi um marco na vida espiritual da nossa paróquia.

Assim como Deus suscita, de tempos em tempos, profetas para uma missão específica, enviou Pe. Caetano para dar um sopro do Espírito Santo, renovando a espiritualidade e a evangelização na paróquia, abrindo as portas para uma renovação pautada na oração.

As sementes que ele plantou deram muitos frutos, impossíveis hoje de descrever, pois ultrapassaram os limites da paróquia por toda Campinas e, posso dizer sem medo, pelo Brasil.

Muitos de nós paroquianos, inclusive eu e meu esposo, devemos a ele nosso Encontro Pessoal com Jesus.

Pe. Caetano, o homem simples e até mesmo rude, para alguns, foi determinado e fiel a essa missão, não se intimidando perante as oposições e incompreensões, porque acreditava no Poder da Oração e da Fé.

Pe. Caetano, conchedor do Movimento da Renovação Carismática Católica, pós Vaticano II, se propôs a enviar casais dos Grupos de Terço e demais paroquianos para fazerem a Experiência de Oração, na Vila Brandina, retiro ministrado pelo Pe. Haroldo Ham.

Após esses退iros nasceu o Grupo de Oração com o nome de Nossa Senhora Auxiliadora, no início pequeno, reunindo-se na casa de um dos casais, todavia o Arcebispo de Campinas, Dom Gilberto Pereira Lopes, autorizou o Pe. Caetano a levá-lo para as dependências da paróquia.

Foi o momento ideal para que o Espírito Santo realizasse uma obra nova.

O grupo crescia cada vez mais, atingindo 300 pessoas em uma só reunião, pois era um dos primeiros de Campinas.

Formou-se uma grande Equipe de Serviços incumbida pelo Pe. Caetano de reorganizar a Catequese das Crianças e a Catequese dos Pais, com inspiração na oração e reuniões semanais evangelizadoras.

Pelo critério de que de nada adiantaria evangelizar as crianças se os pais não fossem evangelizados, colheram-se tantos frutos que esses encontros de pais permanecem até hoje, porém, com outro nome: Escola da Fé.

O mesmo ele fez com o Curso do Crisma, reformulado, com ênfase em uma evangelização mais adequada aos jovens, com palestras testemunhais do Querigma, dois retiros anuais. Isso deu muitos frutos. Os jovens, acompanhados por uma equipe de adultos, evangelizavam outros jovens através do Grupo de Oração para Jovens e Barzinho de Jesus, trabalho que durou por volta de quinze anos, tendo havido até casamentos entre eles.

Renovou também os cursos de Batismo e de Noivos, estendendo essa evangelização nas favelas pertencentes à paróquia e trouxe para a paróquia o 1º Encontro de Casais com

Cristo que cresce até hoje em número e espiritualidade.

Nessa época, também, o Grupo de Oração, em consenso com o Pe. Caetano, começou a dedicar a última terça-feira do mês à Adoração ao Santíssimo, atingindo todas as pastorais.

Era um homem humilde que acreditava no Poder da Oração e, constantemente e sem constrangimento, pedia que orássemos por ele.

Ao término de dez anos de gestão a paróquia continuou vivendo forte e crescente espiritualidade até os dias de hoje, pois a semente, que ele tão bem plantou e regou, deu frutos.

A paróquia foi berço de muitos Grupos de Oração e Comunidades Evangelizadoras e de serviço aos irmãos carentes, espalhadas por Campinas e até mesmo pelo Brasil, pois por aqui passaram muitos que hoje são líderes.

Quando vejo tantas pessoas, dentro e fora da paróquia, atuantes na igreja e que começaram na gestão do Pe. Caetano, acredito que ele foi um enviado de Deus com essa missão, e o quanto devemos a ele.

Que o nosso querido Pe. Caetano possa estar na presença do Senhor e de Maria a quem ele serviu humildemente e foi fiel até o fim, apesar da debilidade de sua saúde.

Edgar e Maria Aparecida Santucci

Nós, Vicentinos, sentimos falta de sua presença amiga em nossas reuniões semanais, pois, quando entrávamos na sala Santo Antonio, para os nossos encontros, lá estava ele sentado sorridente à nossa espera.

Pe. Caetano nos auxiliava com seu discernimento cristão em nossas avaliações, e sempre, ao final de cada reunião, tínhamos o privilégio de receber a bênção, deste que era um fervoroso devoto de Nossa Senhora Aparecida.

Walkíria Martinho Rasmuss

As marcas de sua generosidade, palavras sábias, sensibilidade, espírito de fé e oração, humildade, animação, disponibilidade, ficarão sempre guardadas na mente e no coração de todos os que com ele conviveram. Agradecemos a Deus pela vida de Pe. Caetano que se transmudou da dimensão terrena para a dimensão celeste, junto do Pai e de Maria Auxiliadora.

Pe. José Ailton Trindade
Diretor
Campinas, 13 de junho de 2005
Festa de Santo Antonio